



O boato gasolina: como uma notícia falsa criou uma crise de combustível em Macapá¹

Ivan Carlo Andrade de OLIVEIRA ²

Resumo

Em outubro de 2012, Macapá enfrentou uma grave crise de combustível, fazendo com que muitos veículos ficassem horas parados em filas de postos, esperando pela chegada do combustível. Quando a situação já estava normalizada novas filas começaram a se formar influenciadas por uma notícia equivocada de um programa de rádio local. Como no pânico Guerra dos mundos, os ouvintes reagiram imediatamente à notícia. O texto analisa o fenômeno do ponto de vista de teoria hipodérmica, cibernética e teoria do jornalismo.

Palavras-chave: Teoria hipodérmica, Jornalismo, boato

1 Introdução

Em outubro de 2012 o estado do Amapá viveu uma grave crise de combustível, que se iniciou no dia e teve seu momento mais dramático na terça-feira, dia 16 de outubro. Nesse dia, nenhum posto de combustível de Macapá tinha gasolina ou etanol. Filas imensas se formaram apenas na esperança de que o produto chegasse. Há relatos de pessoas que passaram até 11 horas nas filas.

Uma semana após o momento de maior desabastecimento, filas imensas voltaram a se formar, mesmo com os postos abastecidos e com frentistas declarando que não havia previsão de falta de gasolina.

Influenciados por uma notícia equivocada de um programa de rádio local e apavorados com a possibilidade de que o desabastecimento voltasse a se repetir, condutores correram para os postos, ameaçando fazer com que o produto de fato faltasse, já que o consumo em um único dia se tornou muito maior do que o normal.

Este artigo tem como objetivo analisar o fenômeno em sua relação com os MCM a partir de uma perspectiva das teorias da comunicação (em especial a teoria hipodérmica) e do jornalismo.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 01 a 03 de maio de 2013.

² Professor da Universidade Federal do Amapá



2 A teoria hipodérmica

A discussão sobre o poder da mídia é tão antiga quanto os primeiros estudos sobre o assunto. Entre as várias teorias que tentaram explicar a influência da mídia sobre a sociedade, uma das mais difundidas é a teoria hipodérmica, segundo a qual os meios de comunicação seriam como uma agulha, injetando seus conteúdos em uma massa amorfa e atomizada.

Historicamente, a teoria hipodérmica coincide com o período das duas guerras mundiais e com difusão em larga das comunicações de massa e representou a primeira reação que este último fenômeno provocou entre estudiosos de proveniência diversa.

Os principais elementos que caracterizam o contexto da teoria hipodérmica são, por um lado, a novidade do próprio fenômeno das comunicações de massa e, por outro, a ligação desse fenômeno às trágicas experiências totalitárias daquele período histórico. Encerrada entre estes dois elementos, a teoria hipodérmica é uma abordagem global aos mass media, indiferente à diversidade existente entre os vários meios e que responde sobretudo à interrogação: que efeito têm os mass media numa sociedade de massa? (WOLF, 2001, p. 22-23)

A teoria hipodérmica seria reforçada por um fato real: na noite do dia 30 de outubro de 1938, rádio CBS (Columbia Broadcasting System) interrompeu sua programação musical para noticiar uma invasão extraterrestre (1938: PÂNICO..., 2012).

O programa noticiou a chegada de centenas de marcianos a bordo de naves extraterrestres à cidade de Grover's Mill, no estado de Nova Jersey. Na verdade, tratava-se de uma adaptação do livro *A guerra dos mundos*, de H. G. Wellss, dirigida pelo jovem Orson Welles (que depois iria ser responsável pelo filme *Cidadão Kane*) na forma de programa jornalístico, com reportagens externas, entrevistas com testemunhas que estariam vivenciando o acontecimento, opiniões de peritos e autoridades, efeitos sonoros, sons ambientes, gritos, a emoção dos supostos repórteres e comentaristas.

A CBS calculou, na época, que o programa foi ouvido por cerca de seis milhões de pessoas, das quais metade o sintonizou quando já havia começado, perdendo a introdução que informava tratar-se do radioteatro semanal. Pelo menos 1,2 milhão de pessoas acreditou ser um fato real. Dessas, meio milhão teve certeza de que o perigo era iminente, entrando em pânico, sobrecarregando linhas telefônicas, com aglomerações nas ruas e congestionamentos causados por



ouvintes apavorados tentando fugir do perigo. (1938: PÂNICO..., 2012)

O medo paralisou três cidades. Houve pânico principalmente em localidades próximas a Nova Jersey. Além disso, houve fuga em massa e desespero em cidades como Nova York.

Como resultado, Welles se tornou uma celebridade instantânea e a imagem de que os MCM tinham poder irrestrito sobre as pessoas se generalizou, dando força à hipótese hipodérmica.

De inspiração behaviorista, a teoria hipodérmica parte da ideia de que a toda resposta corresponde um estímulo, pois não há resposta sem estímulo, da mesma forma que não há estímulo sem resposta.

O esquema E – R (Estímulo – Resposta) é essencial para a teoria da Agulha Hipodérmica. Assim, os Meios de Comunicação de Massa (MCM) enviariam estímulos que seriam imediatamente respondidos pelos receptores. A audiência é vista como uma massa amorfa, que responde de maneira imediata e uniforme aos estímulos recebidos. (OLIVEIRA, 2002, p. 8).

Nessa perspectiva, os indivíduos são vistos como átomos isolados (reflexo da vida nas grandes cidades), mas que fazem parte de um corpo maior, a massa, criada e mantida pelos meios de comunicação massivos. Dessa forma, seria impensável respostas individuais ou que discordassem do estímulo.

O nome, inclusive, refere-se à agulha usada para injetar medicamentos abaixo da pele do paciente, assegurando assim um resultado imediato. Assim, “a mídia é vista como uma agulha, que injeta seus conteúdos diretamente no cérebro dos receptores, sem nenhum tipo de barreira ou obstáculo”. (OLIVEIRA, 2002, p. 9)

Embora seja uma das teorias mais difundidas na área de comunicação, é também uma das mais criticadas.

Mattelart (2001, p.47-48) lembra que dentro da própria corrente funcionalista (Laswell, criador do da teoria hipodérmica, era funcionalista) surgiram pesquisas que colocariam em questão o princípio mecanicista de efeito direto e indiferenciado:

Ao estudar os processos de decisão individuais de uma população feminina de oitocentas pessoas numa cidade de 60 mil habitantes (Decatur, Illinois), redescobrem (...) a importância do “grupo primário”. É o que lhes permite apreender o fluxo de comunicação



como um processo em duas etapas, no qual o papel dos “líderes de opinião” se revela decisivo.

Esses líderes de opinião relativizariam o poder dos meios de comunicação.

Oliveira (2002, p. 39) argumenta que o esquema E – R implica que haveria sempre um feedback positivo por parte do público a toda mensagem emitida pela mídia:

Ocorre que isso nem sempre é verdadeiro. A primeira razão é que nenhum indivíduo é um sistema isolado (atomizado, como diziam os teóricos da Agulha Hipodérmica). Os estímulos não proveem de um único ponto. Na verdade, os estímulos chegam a nós dos mais variados emissores.

Roberto Elísio dos Santos (2008, p.56) diz que “o público aceita ou rejeita os conteúdos da cultura de massa de acordo com seus interesses imediatos, mas adora, acima de tudo, o espetáculo que lhe é oferecido”.

3 A crise de combustível

A crise de gasolina em Macapá começou logo depois do primeiro turno das eleições municipais.

Acredita-se que um dos motivos que teriam desencadeado a falta do produto foi o aumento da circulação de veículos no período da eleição.

No dia 9 de outubro, o portal *Amazônia.com* já reportava:

Os postos do **Amapá** sofrem com a falta de gasolina desde sábado (6). O aumento da circulação de veículos no último fim de semana, devido às eleições, é apontado como um dos motivos para a queda na oferta do produtor. A reportagem circulou pelas ruas da capital amapaense e observou que a maioria dos estabelecimentos estão sem o combustível. Nos postos que ainda oferecem o produto, as filas estão cada vez maior. (SOEIRO, 2012)

O problema foi se tornando mais grave com o tempo, chegando ao seu ponto culminante no dia 16 de outubro, terça-feira, dia em que nenhum posto da capital tinha combustível. Filas enormes se formaram ao redor de postos que não tinham o produto.

Nesse dia, o Jornal *Extra* publicou:

A reportagem do jornal *Extra* Amapá registrou a falta em vários postos de Macapá. Em um posto localizado no bairro Lagunho, uma fila quilométrica se formou ao longo da Av. Enerstino Borges. A situação já preocupa a população. “Espero que esse problema se resolva logo, porque as filas só estão aumentando. Já passei em três



postos e todos estavam sem gasolina. Desse jeito, logo não teremos mais”, desabafou a funcionária pública, Helena Ramos. (FALTA DE GASOLINA, 2012)

Durante toda a semana, filas imensas se formavam o dia inteiro, esperando a chegada do produto. Pessoas passavam até 11 horas na fila. Muitas mesmo assim não conseguiam o produto. Muitos consumidores enchiam o tanque e carotes, com medo de que a crise durasse muito tempo.

Entrevistado pelo site *Amapá Digital*, o gerente do posto Júlio Farias, Cesar Senna, disse que o problema foi ocasionado pela limpeza de um tanque da distribuidora Petrobrás, aliado à grande demanda: “As pessoas acabam comprando enorme quantidade para estocar” (Postos... 2012).

O problema mobilizou a classe política. Os senadores João Capiberibe e Randolfe Rodrigues, além do governador do Amapá se empenharam em encontrar soluções para o problema e fizeram reuniões com os responsáveis pelas distribuidoras.

Randolfe protocolou um requerimento para que o Ministro das Minas e Energia, Edison Lobão, esclarecesse as razões da falta de combustível:

Randolfe pediu ao ministro e à Agência Nacional do Petróleo (ANP) que tomem medidas urgentes para resolver o problema. Segundo o senador, a crise no estado “é dramática e terrível”, pois impede o direito constitucional de ir e vir, em virtude da falta de combustível. (RANDOLFE, 2012)

A situação começou a normalizar no final de semana e no dia 21 de outubro, a distribuição de combustível já estava totalmente normalizada. Os postos, que antes se caracterizavam por filas imensas, na semana seguinte tinham combustível, mas ficavam vazios, já que a maioria da população já havia enchido o tanque de seus carros.

4 A crise inventada

Na quarta-feira, dia 31, surpreendentemente, as filas voltaram a se formar, embora a maioria dos carros estivesse com tanque cheio e houvesse gasolina em todos os postos.

A explicação estava na notícia veiculada de manhã pelo radialista Luís Melo, na rádio Diário FM 90,9.

Segundo o Portal *Amazônia.com*:



As filas entraram pela noite, muitas pessoas estavam em pânico com medo de ficar sem gasolina. Até o início da noite de ontem (31) muitos postos por terem sido “sugados” ficaram sem gasolina para atender toda a demanda que se formou após o boato de que faltaria gasolina na cidade. (SOEIRO, 2012b)

O site *Amapá Digital* entrevistou uma das pessoas que estavam na fila:

O técnico judiciário da Justiça Federal, Edielson Araújo que estava na fila de espera para abastecer o carro disse que soube da notícia por telefone e pela internet. Por ter passado 12 horas na fila quando ocorreu a crise de combustível o funcionário público não pensou muito e correu para o posto mais próximo. “Quando me deram a notícia que iria acontecer uma nova crise de combustível corri para o posto mais próximo. Na última vez que faltou gasolina sofri muito na fila dos postos, fiquei preocupado em ficar sem o produto e vim abastecer”, declarou Edielson. (FLEXA, 2012)

Como uma exemplificação da teoria hipodérmica, a notícia, mesmo falsa, gerou uma resposta imediata por parte de grande parte da população.

O jornalismo, que teoricamente, deveria apenas informar, gerou uma reação em cadeia que levou até mesmo à falta de combustível em alguns postos, numa autêntica profecia auto-realizadora:

Quando se trata de seres humanos, podemos fazer previsões auto-destrutivas e auto-realizadoras. Um jornal que estampe uma previsão de inflação fará com que os consumidores corram para estocar produtos antes do anunciado aumento de preços. O aumento da demanda fará com que os vendedores aumentem o preço das mercadorias. (OLIVEIRA, 2010, p. 12)

Ou seja: o simples fato de ter sido noticiada fez com que esta, falsa, se tornasse verdadeira, até pelo caráter de verdade dado pela população ao trabalho jornalístico:

Seja qual for a relação entre a realidade divulgada e a realidade “verdadeira”, os receptores consideram as notícias como o testemunho autêntico dos acontecimentos “reais”. Isso significa que no tocante aos seus efeitos ele deve ser colocado em equação com a realidade (SCHULZ apud KUNCIZK, 2001, p. 250)

Os teóricos do jornalismo compreendem que a atividade jornalística não é algo separado da sociedade. A sociedade influencia o jornalismo, através de pressões políticas e econômicas e é influenciada por ela. Nesse caso, a notícia torna-se, ela mesma, um acontecimento: “Notícia e acontecimento estariam (...) interligados. Muitas



vezes a própria notícia funciona como acontecimento suscetível de desencadear novos acontecimentos” (SOUSA, 2002, p. 25)

O caso também levanta duas questões: a busca do “furo” e o fator tempo. A busca do furo, a notícia que ninguém tem, muitas vezes atropela a ética e a conferência das informações publicadas.

Para Traquina (2008, p. 55):

O “furo” é um elemento importante na cultura jornalística que alimenta os interesses próprios do jornalista. O jornalista que se preza procura o “furo”. O “furo” dá um gozo particular, um enorme prazer de conquistador. O “furo” é uma conquista que está associada ao brilho profissional, razão justificada de vaidade pessoal, e que fornece um prestígio que pode fazer progredir a carreira profissional.

Já Felipe Pena lembra que a pressão do tempo interfere no trabalho jornalístico:

No cotidiano de uma redação jornalística, o espaço para a reflexão é mínimo. Espremidos pelos deadlines e pela busca incessante do furo de reportagem, o jornalista é mais uma peça da engrenagem produtiva. O evento é sua matéria-prima e o tempo curto, seu campo de atuação. (PENA, 2008, p. 159)

O radialista Luís Melo, que também é dono da rádio 90,9 e do jornal Diário do Amapá recusou-se a falar sobre o assunto, mas pessoas ligadas a ele especulam que a “barriga” teria acontecido pela ânsia de dar um “furo”. Na ânsia de furar a concorrência e com medo de ser atropelado pelos acontecimentos, ele divulgou a informação sem checá-la antes.

Conclusão

A prática jornalística é dominada pela teoria do espelho, em que as notícias são o que são por serem um reflexo direto da sociedade. Entretanto, como demonstra o caso analisado, vários fatores podem fazer com que ela deixe de ser simplesmente um relato dos acontecimentos. No caso em pauta, ela se tornou o acontecimento que gerou outros acontecimentos.

Como no famoso caso Guerra dos mundos, uma notícia falsa gerou um pânico geral, confirmando os ditames da teoria hipodérmica.

Deve-se destacar, no entanto, que tal impacto só foi possível porque havia todo um contexto favorável à sua concretização. A cidade já havia passado por uma severa



crise de combustível, deixando seus habitantes apreensivos para uma possível repetição dos fatos. A paranoia da população permitiu que a mídia agisse como uma agulha hipodérmica.

O caso, emblemático, permite compreender que o jornalismo pode ter forte influência sobre a sociedade em situações que haja um contexto favorável a isso.

Bibliografia

1938: PÂNICO após transmissão de "Guerra dos mundos". Disponível em: <http://www.dw.de/1938-p%C3%A2nico-ap%C3%B3s-transmiss%C3%A3o-de-guerra-dos-mundos/a-956037>. Acesso em: 22 nov. 2012.

BOATOS geram falsa crise de combustível no Amapá. **Jornal do Dia**. Disponível em: http://www.jdia.com.br/pagina.php?pg=exibir_not&idnoticia=57663. Acesso em: 20 nov. 2012.

FALTA DE COMBUSTÍVEL em Macapá deve continuar. **Jornal do Dia**. Disponível em: http://www.jdia.com.br/pagina.php?pg=exibir_not&idnoticia=57006. Acesso em: 23 nov. 2012.

FALTA DE GASOLINA continua em Macapá. **Jornal Extra**. Disponível em: http://www.portalextra.com.br/pagina.php?pg=exibir_not&idnoticia=4235. Acesso em: 23 nov. 2012.

FLEXA, Alexandre. Boatos sobre nova falta de gasolina gera tumulto e filas nos postos. Amapá Digital Disponível em: http://www.amapadigital.net/noticia_view.php?ID=112023. Acesso em: 23 nov. 2012.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo**. São Paulo: Edusp, 2001.

OLIVEIRA, Ivan Carlo Andrade de (Org.). **Agulha hipodérmica: o poder e os efeitos dos meios de comunicação de massa**. Macapá: Faculdade Seama, 2002.

OLIVEIRA, Ivan Carlo Andrade de. **Introdução à cibernética**. Pará de Minas: Virtual Books, 2010.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.

POSTOS de combustível continuam sem abastecimento em Macapá. **Amapá Digital**. Disponível em: http://www.amapadigital.net/noticia_view.php?ID=111621

RANDOLFE questiona falta de combustível no Amapá. **Senado Federal**. Disponível em: <http://www12.senado.gov.br/noticias/jornal/edicoes/2012/10/17/randolfe-questiona-falta-de-combustivel-no-amapa>. Acesso em: 20 nov. 2012.

SANTOS, Roberto Elísio dos. **As teorias da comunicação: da fala à internet**. São Paulo: Paulinas, 2008.

SERRANO, Márcia. Crise da gasolina chega à segunda semana. **A Gazeta**. Disponível em: <http://www.jornalagazeta->



ap.com/porta1/?p=2&i=7174&t=Crise_da_gasolina_chega_%C3%A0_segunda_semana. Acesso em: 21 nov. 2012.

SILVA, João. DISTRIBUIDORES DIZEM QUE CRISE DA GASOLINA ACABOU. Disponível em: <http://joaosilvaap.wordpress.com/2012/10/22/distribuidores-dizem-que-crise-da-gasolina-acabou/>

SOEIRO, Thiago. Amapá enfrenta escassez de gasolina após primeiro turno das eleições. Portal Amazônia.com Disponível em: <http://www.portalamazonia.com.br/editoria/atualidades/amapa-enfrenta-escassez-de-gasolina-apos-primeiro-turno-das-eleicoes/>. Acesso em: 23 nov. 2012a.

SOEIRO, Thiago. Falsa notícia sobre falta de gasolina gera filas nos postos de Macapá. **Portal Amazônia.com**. Disponível em: <http://www.portalamazonia.com.br/editoria/atualidades/falsa-informacao-gera-novas-filas-em-postos-de-macapa/>. Acesso em: 24 nov. 2012b.

SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.

TERRA, Chico. Crise do combustível se agrava e preços disparam nos postos de Macapa. **Amazônia Brasil rádio e TV**. Disponível em: <http://chicoterra.com/2012/10/16/crise-do-combustivel-se-agrava-e-precos-disparam-nos-postos-de-macapa/>

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. V. 1. Florinópolis: Insular, 2012.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. V. 2. Florinópolis: Insular, 2008.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 2001.